

# humanitas



**Vol. XI-XII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Vols. 8 e 9*  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIX-LX



Realidade complexa, em que se entrecem os fios da história e do mito, Sólon tem, neste livro de A. Masaracchia, uma nova interpretação da sua grandeza.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO  
Bolsheiro do I. A. C.

JACQUELINE DUCHEMIN, *Pindare, poète et prophète*. Paris, Société d'édition «Les Belles Lettres», 1955. 390 pp.

Não é sem o mais vivo interesse que se inicia a leitura dum trabalho que pretende lançar alguma luz sobre a densa problemática da poesia de Píndaro. Concluída a leitura, temos o sentimento de não ter perdido o tempo. Jacqueline Duchemin realiza um progresso indiscutível na compreensão do maior poeta lírico da Hélade.

Trata-se, porventura, do poeta grego mais difícil de entender, observa a A. na *Introdução*, não na interpretação literal mas na interpretação de conjunto de cada poema e da obra inteira (p. 11). Buscou-se a solução da dificuldade na determinação das circunstâncias históricas que rodearam cada ode (*Pindaros* de Wilamowitz—Berlín, 1922), mas tal esforço revelou-se impotente para penetrar no âmago dos poemas. Era uma exploração de superfícies, necessária, sim, mas insuficiente.

A Gilbert Norwood se ficou devendo uma notável tentativa de explicação da poesia pindárica. J. Duchemin presta a sua homenagem ao autor de *Pindar* (Berkeley, 1945), que rasgou novas perspectivas à investigação. Marca, no entanto, a sua discordância em relação à tese que Píndaro nada tem de pensador nem de intelectual. À demonstração feita por Norwood da existência de símbolos na poesia de Píndaro faz agora a A. suceder a preocupação de esclarecer o significado desses símbolos, de, a partir deles, «esquisser une conception d'ensemble de la poésie pindarique» (p. 17). Modestamente, declara a A. pretender apenas obter «quelques résultats solides et positifs» (p. 17).

A 1.<sup>a</sup> parte do livro, *L'inspiration et ses sources divines*, compreende dois capítulos dedicados, o 1.<sup>o</sup> às Musas, o 2.<sup>o</sup> às Cárites. Procura a A. determinar o sentido profundo destas divindades na poesia de Píndaro. A sua simples caracterização é tarefa delicadíssima, porquanto, com frequência, a olhos menos perspicazes que os de J. Duchemin, os seus dotes e atributos se misturam e confundem. A A. sujeita os textos do Poeta a um exame minucioso e não hesita perante novas interpretações. Note-se, por exemplo, a preocupação de rigor revelada na tradução dos versos 6-9

da 14.<sup>a</sup> Olímpica, em que a A. se afasta da tradução proposta por Puech. Um aspecto notável da obra, visível em quase todas as suas páginas, é a amplitude da análise que recorre ao concurso da arqueologia, da linguística e da história das religiões. Em terreno tão incerto, este método é o único capaz de garantir a solidez da argumentação.

A 2.<sup>a</sup> parte, *Le message pindarique et la tradition*, discute os seguintes problemas: posição do Poeta frente à religião tradicional e importância de Zeus e Apolo na poesia de Píndaro; valor poético das alegorias e originalidade do Poeta no capítulo das personificações de ideias abstractas; forma original como se realiza em Píndaro a transmissão da tradição.

Lembra a A. como a concepção do divino e as preocupações morais de Píndaro imprimem modificações e correcções nos dados tradicionais. O facto é claramente demonstrado pela análise do mito de Pélops, na 1.<sup>a</sup> Olímpica. E a págs. 190 exprime a A. com nitidez o seu pensamento fundamental na apreciação da poesia de Píndaro:

«Nous sommes ainsi ramenés, de divers points de l'horizon, à mettre véritablement au centre des préoccupations pindariques le souci d'eschatologie».

Na 3.<sup>a</sup> parte, intitulada *L'expression et le symbolisme*, a A. aborda o seu tema por um ângulo novo. Primeiramente, estuda «a mística do ouro, da luz e das cores» e demonstra o carácter sacral da luz e do brilho dos metais e das pedras preciosas fora do mundo grego, desde os tempos mais recuados. Mas em que medida a frequência destes temas na poesia de Píndaro exprime fidelidade à tradição ou predomínio de imagens visuais? A A. é demasiado exclusiva a favor da tradição (p. 227), o que prejudica a originalidade do Poeta.

Seguidamente, estuda as imagens e os símbolos como «expressão de realidades profundas» ou «realização de transformações maravilhosas» (p. 263).

A 4.<sup>a</sup> e última parte, *La mission sacrée du poète*, divide-se em dois capítulos. No 1.<sup>o</sup>, a A. procura determinar a significação e o alcance da noção de imortalidade, centro da poesia de Píndaro. Estabelece a analogia evidente entre «os principais temas da imaginação pindárica e os da iconografia funerária» (pp. 270-1), interpretando a sua ambivalência como a idêntica preocupação de prolongar a duração da vida.

No cap. 2.<sup>o</sup>, insiste na sua compreensão da ode pindárica como meio de imortalização (p. 317), valor que igualmente reconhece a todas as celebrações pan-helénicas.

E a A. conclui o seu admirável estudo com umas palavras que resgatam inteligentemente qualquer exagero da interpretação histórica:

«Enfin n'oublions pas que le génie et l'oeuvre de Pindare ne sauraient se réduire à des emprunts, s'expliquer par une combinaison d'influences. La part du mystère doit toujours être réservée, quand il s'agit de la création poétique. Un aussi riche foisonnement défie l'explication rationnelle et ne saurait entrer dans des cadres prééta-

blis. Tout au plus en peut-on noter les dominantes, en étudier les procédés, en préciser les moyens d'expression. Le reste est le secret de la vie elle-même» (p. 346).

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

FRANCESCO GIANCOTTI, *Il preludio di Lucrezio*. Casa Editrice G. D'Anna, Messina — Firenze, 1959. 332 pp.

Esta monografia sobre os 145 versos do próemio do livro I do *De Rerum Natura* transcende largamente, como o A. observa na *Introdução*, os limites do seu objectivo imediato. A definição deste próemio como um prelúdio geral do poema em que se exprimem os motivos genéticos da obra (pp. 5-6) postula, naturalmente, uma interpretação que tem o seu ponto de partida na visão sintética do poema total. Tudo está, porém, subordinado, na economia do trabalho, à sua primária intenção, o que é louvável pela fidelidade que implica a uma linha de pensamento bem estruturado.

Serve a *Introdução* para justificar a orientação seguida e demarcar os limites da investigação. Termina pela transcrição do texto que vai constituir o fulcro do trabalho.

O 1.º capítulo, *Poetica e gusto*, começa por considerar o problema essencial das relações de pensamento entre Lucrécio e Epicuro, particularmente no que respeita à sua concepção de poesia. A análise dos testemunhos leva o A. à conclusão de que Epicuro admitia uma arte utilitária e hedonística, em conformidade com os seus fins éticos. Opõe-se o A. à tese duma pretensa evolução no seio da escola epicurista que atribui a Filodemo de Gádara uma mudança de atitude em relação à poesia. Contra a hipótese de G. Della Valle, sustenta que nada prova que Lucrécio tenha sido discípulo daquele e que Filodemo terá constituído apenas «um ponto de partida», «um caminho para a leitura dos textos originais de Epicuro» (p. 31).

A discussão dos conceitos de hedonismo e utilitarismo, com a definição dos dois tipos de *ἡδονή* epicurista (*ἡδονή κωητικὴ* e *ἡδονή καταστηματοικὴ*) reveste-se da maior importância. Ela servirá mais tarde o A. na sua interpretação da Vénus lucreciana.

E, a concluir o capítulo, o A. sublinha a independência crítica de Lucrécio frente aos princípios ideológicos da escola, revelada na liberdade dos juízos formulados relativamente a três poetas: Énio, Empédocles e Homero. Esta independência, interpretada como uma exigência da poesia verdadeira, tradu-la o A. nos seguintes termos: «a poesia de Lucrécio é superior à poética lucreciana» (p. 68).